

A MULHER ESCLARECIDA: ELUCIDAÇÃO ATRAVÉS DO DISCURSO DE CLARICE LISPECTOR EM SUAS COLUNAS FEMININAS (1960).

Kaoana Sopelsa¹

UFGD

RESUMO

Clarice Lispector, em meados do século XX, atua como escritora de colunas em jornais brasileiros. Divorciada, retorna ao Brasil no final da década de 50 como escritora mais presente no meio midiático. À partir da compilação *Correio Feminino*, as relações de gênero descritas por Clarice são analisadas, utilizando a Análise do Discurso francesa de Michel Foucault, para responder se, nestas publicações onde a autora aconselha o público feminino ocorre sujeição ou transgressão no discurso adotado em relação ao estereótipo patriarcal e aos papéis de gênero. No geral, o discurso mantém o padrão feminino, de mulher mãe e esposa. Em momentos em que a autora parece transgredir esse discurso normativo, retorna ao arquétipo, valida o que a imprensa feminina do período massifica. Entretanto, é de grande valia sua tentativa de dar voz ao feminino. As provocações da autora estimulam o senso crítico das leitoras sobre os conselhos e regras femininas.

Palavras-chave: Clarice Lispector; a mulher esclarecida; colunas femininas.

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector está inserida, estudando, aprendendo, vivendo, escrevendo, amando. Estrangeira naturalizada, era judia de nascimento, que atuou como colunista de jornais de meados do século XX, escrevendo e aconselhando mulheres acerca de condutas, aparência, funções femininas, um possível estereótipo de mulher bela e bem sucedida quando mãe e esposa.

Através do livro *Correio feminino*, entramos em contato com a compilação organizada por Aparecida Maria Nunes (2006), composta pelas colunas “Um retrato de mulher”, “Saber viver nos dias que correm”, Retoques do destino”, “Aulas de

¹ Doutoranda em História pela PPGH - UFGD.

Realização:

Apoio:

sedução” e “Entre Mulheres”, escritas por Clarice para os jornais² através dos pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares. Acreditando em Benjamin Moser (2011), quando afirma que Clarice escreveu sobre sua vida durante toda sua carreira, criando personagens que demonstrassem seus momentos, e acreditando também na epígrafe da autora, propositalmente inserida no início da introdução, encontramos uma “outra Clarice”.

O recorte temporal é o momento em que Clarice torna-se divorciada e não mais vive às sombras de seu ex-marido Maury, a transitar por entre continentes, como a Europa e a América do Norte, por exemplo. Nestas fontes ficaram mais visíveis sua relação de profissional da imprensa, escritora.

A análise do discurso na perspectiva foucautiana nos permitiu identificar o funcionamento do discurso que genealogicamente percorreu do alto ao baixo, do estrutural para o microfísico, do sistema a pessoa, perpassando pela ciência como fonte do saber aos vários dispositivos de disciplina e agentes pedagógicos, como a imprensa, o rádio e escrita, de forma geral.

Pode-se observar, desta forma, à partir da imprensa, a construção dos papéis de gênero de seus estereótipos, modelos incorporados e vinculados por esse discurso, que acaba por reproduzir desigualdades sexuais, conservadorismo, inserindo a mulher em funções domésticas e privadas em um invólucro de maternidade. Rotula-as como submissas, tendo seu corpo e sua aparência ditados a partir de escolhas masculinas. Estas se cristalizam como “naturais”, a partir da repetição (COLLING, 2015; PINSKY, 2014).

Ao pensar os artigos para coluna de jornais produzidos por Clarice, consideramos o impacto que estes proporcionaram na educação formal e informal como reflexo das influências e interferências discursivas. Como disse Campos, olhar uma educação para além das paredes escolares; uma educação como normalização do indivíduo no sentido de destinação de crenças e valores que o fazem habitar o

² Clarice escreveu para vários jornais e revistas, dentre eles Pan (1940, Rio de Janeiro); Vamos Ler (1940/1941, Rio de Janeiro); Folha de Minas (1944, Belo Horizonte); Comício (1952, Rio de Janeiro); Correio da Manhã (1959/1961, Rio de Janeiro); Diário da Noite (1960/1961, Rio de Janeiro); Senhor (1959/1964, Rio de Janeiro); Manchete (1968/1969, Rio de Janeiro); Fatos e Fotos (1976/1977, Brasília); Jornal do Brasil (1967/1973, Rio de Janeiro). Na imprensa escrita, seu trabalho foi marcado pela heterogeneidade das funções que desempenhou (colaborando com crônicas, entrevistas, artigos para páginas/colunas femininas), executando tarefas que, a priori, não se identificavam com o fazer do texto literário. (BRITO, 2006, p. 12)

Realização:

Apoio:



mundo de um modo próprio: num tempo, num espaço, num segmento social. “Por isso, acredito que o jornal educava, promovendo a aprendizagem de determinado discurso”, disse a autora (CAMPOS, 2009, p. 20).

Os textos de Clarice são analisados, enfocando o matrimônio, os papéis sociais de gênero, a maternidade e os estereótipos de homens e mulheres. Neste também se pauta a um retorno aos dramas da vida pessoal da autora com a finalidade de conectar o fazer da imprensa no momento histórico que vive com seu “fracasso” dentro dos padrões estabelecidos.

Ao ler as colunas de Clarice Lispector sem a elucidação acerca da genealogia do discurso não se fazia possível distinguir os estereótipos naturalizados que, inclusive, permeiam os discursos midiáticos do século XXI.

CLARICE JORNALISTA

Clarice Lispector atuou na imprensa a partir de 1940, antes de lançar seu primeiro romance. Esteve escrevendo para jornais e revistas até 1977, ano de sua morte. Aparecida Maria Nunes, na compilação *Clarice na cabeceira: jornalismo*, afirma a imprecisão acerca do primeiro trabalho na imprensa carioca de Clarice Lispector. Escreve que alguns acreditavam que a autora iniciara sua carreira em 1943, com a publicação de *Perto de um coração selvagem*, entretanto, surgiu a trilogia atualmente identificada como *Cartas a Hermengardo* datando 1941. Ainda assim, Aparecida Maria Nunes explica que as informações não levaram em conta a trajetória de Clarice nas redações dos jornais, principalmente por falta de interesse em mencionar a Clarice jornalista. Assim comenta:

A imprecisão de certos dados biográficos nos textos canônicos sobre a autora de *A paixão segundo G.H.*, bem como daqueles provenientes das várias entrevistas que concedeu, não permitiu localizar com exatidão os textos de Clarice no periodismo brasileiro, tampouco a vida de jornalista que teve, prevalecendo deste modo as informações registradas por [Renard] Perez. Sabemos hoje que ela, mocinha do Rio de Janeiro, consegue emprego na Agência Nacional e no jornal *A Noite*. Aliás, é como repórter de *A Noite* que Clarice, em março de 1942, recebendo 600 mil réis mensais, tem o primeiro registro na carteira de trabalho. E, em janeiro de 1944, o de jornalista, no Serviço de Identidade Profissional. Nesse período,

Realização:



Apoio:



Clarice concilia o trabalho na imprensa com os estudos na Faculdade Nacional de Direito e ainda com a escritura de sua ficção (NUNES, in LISPECTOR, 2006, p. 13 e 14).

A autora trata, nos textos de imprensa aqui analisados, do discurso de gênero e dos papéis sociais por ele estereotipados. As relações de gênero exprimem a representação para ambos os sexos apreendida pelo discurso. Assim explica Maria Izilda S. de Matos:

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. (...) a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados (MATOS, 2000, p. 16).

Portanto, quando o pesquisador se refere ao estudo das relações sociais entre homens e mulheres, é significativo que não exclua parte de sua análise, incorporando a situação de desigualdade entre os sexos e de que forma essa situação interfere no conjunto das relações sociais, das definições e delimitações de espaços para os sexos, na qual todos os seres humanos são classificados em um sistema de acordo com valores e hierarquias sociais construídas através de um discurso que naturaliza e normatiza estes papéis.

Além desta relação histórica dos papéis sociais de masculino e feminino serem definidos um em função do outro, é necessário atentar para a relação entre saber e poder, apontada por Foucault. Clarice vive em um período onde a sociologia positivista se expressa como a teoria organizadora do caos. O higienismo era visto como a solução racial para o Brasil e enfim, toda a questão racial obriga a retomar o assunto dos estrangeiros no país. A teologia ou a igreja católica é uma das instituições que permanece forte e ao lado das narrativas sociológicas.

Tratando-se a fonte de concepções femininas expostas em colunas destinadas para este público, estas não estão desvinculadas do convívio com o masculino, indubitavelmente e deste contexto histórico que formaliza um modo de ser na década em questão. Fazem parte do mesmo meio social, cultural, assim como do mesmo espaço de tempo.

Realização:



Apoio:



Carla Beazzo Bassanezi introduz a utilidade de fontes semelhantes para a análise desejada, demonstrando esta perspectiva demarcadora do tempo de Clarice:

Resgatando, analisando e comparando os discursos destas revistas podemos ter uma idéia [sic] de como se delinearam as relações homem-mulher em seus diversos aspectos, que vão desde a preparação do “destino feminino” até a convivência entre o marido e a esposa, passando pelas expectativas e imposições sociais, pelas idéias [sic] de felicidade, por insatisfações e decepções, pelos jogos de poder articulados em forma de dominação/submissão, de resistência e de convivência e complementariedade (BASSANEZI, 1996, p. 12).

É também nesta perspectiva que podemos ler expressões de Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo: a experiência vivida*. Ela baseia-se na mulher aprendendo sobre sua condição e sentimentos, num universo que se encontra encerrada, desejosa do estudo sobre quais evasões lhes eram permitidas, sendo possível alcançar a compreensão dos problemas impostos às mulheres que instigavam ou caminhavam para um novo futuro. Acrescenta ainda que “é o conjunto da civilização que elabora êsse [sic] produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. (BEAUVOIR, 1960, p. 9)

Filha de seu tempo, Clarice escreve o que vivencia. Cada personalidade é assinada por um pseudônimo, porque representa características e discursos apropriados para um público leitor e finalidade específicos. Não há como a autora desfazer-se de si mesma, mas há como evidenciar, enfatizar propósitos requisitados para a escrita de cada pseudônimo. Enquanto um pseudônimo enfatizava a mulher comum, dialogando com outras mulheres consideradas comuns, ao outro pseudônimo foi dada a função de estimular o consumo de suas leitoras, de forma indireta, discreta, ou seja, uma publicidade disfarçada de conselho. E por fim, o pseudônimo de modelo de beleza e juventude. Fica a questão sobre o motivo do emprego de pseudônimos, por tantos autores. Uma vontade de se libertar de si mesmo, ou talvez a vontade de tentar algo novo, diferente... os pseudônimos cumprem esses papéis, de uma forma que não seja tão arriscada para quem os adota.

A MULHER ESCLARECIDA

Realização:



Apoio:



Ter assunto e saber conversar são requisitos, mas devem ser limitados. Clarice afirma que as mulheres deveriam ler mais e melhor, mas sem necessidade de aprofundamento:

Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.

O fato de uma mulher ser livre não implica que ela deva libertar-se também dos liamos de moral e pudor, que são, afinal, embelezadores da mulher, e portanto, indispensáveis à sua personalidade.

A mulher esclarecida sabe disso. Ela estuda, ela lê, ela é moderna³ e interessante sem perder seus atributos de mulher, de esposa e de mãe. Ela cultiva, especialmente, sua capacidade de ser compreensiva e humana.

A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida (Publicado em 21 de agosto de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 18).

Nós, mulheres, principalmente, que sabemos encontrar tempo para tantas coisas, devemos arranjar uns minutos diários para a leitura. Não é necessária a leitura prolongada, nem são precisos os livros complicados. Coisa leve, variada, que nos dê uma visão rápida do mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e... dos “disse-me-disse” (Publicado em 28 de outubro de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 44).

Quando Clarice escreve “dentro do seu campo de ação”, ela imediatamente delimita a mulher o espaço social do discurso normativo, e ainda sugere que a mulher respeite seu valor, o que faz pensar na frase “dar-se ao respeito”, como se houvesse a necessidade de provar, a partir do comportamento e da aparência, que sendo uma mulher dentro das normas sociais, deveria ser respeitada. Ser livre significa, na escrita da colunista, continuar nos padrões morais, embelezadores, onde a personalidade é definida por este padrão estético. Que a leitura seja leve, variada, mas sem muito aprofundamento. Continuar mãe educadora, evitando ser

³ Aos olhos da década de 1940, uma mulher moderna era aquela que se responsabilizava pela escolha de seu futuro marido, ou seja, com pouca ou nenhuma intervenção dos pais. Esse direito de escolha era tido como algo moderno, nesse período, e trouxe consigo a preocupação da conquista conjugal, ou seja, já que a função primordial do gênero feminino se definia no ambiente privado, podendo ler-se como esposa e mãe, conquistar um marido se tornou um mérito pessoal, do qual características como a estética e o porte físico contavam imensamente, assim como dotes domésticos. (MAIA, 2011)

Realização:



Apoio:



mimada e também mimar os filhos. A artificialidade e a futilidade são atribuídas às mulheres mundanas, como elucida Schpun:

Diametralmente oposta à Luz, as mulheres “mundanas” não recusam nenhum meio de sedução, empregam todos os artifícios para conquistar os homens. Elas não atingem jamais seu objetivo: caracterizadas como mulheres fúteis e nada “naturais”, elas constituem mau exemplo e acabam sempre perdendo (SCHPUN, 1997, p. 85).

Schpun elucida porque Clarice reprova a futilidade, já que a mesma é reflexo de mulheres mundanas, excluídas, que saem perdendo, ou seja, não atingem o famigerado e desejado casamento. Rago elucida sobre o momento brasileiro e a genealogia de seu discurso contemporâneo:

[na virada do século XIX para o XX] Estamos entrando numa época em que as mulheres passavam a valorizar mais fortemente a elegância, a sofisticação visual, a atração que podiam exercer pela aparência e em que várias vozes se levantavam em favor da decadência e da moralidade. A roupa se transformava num sistema semiótico e a preocupação em definir claramente a diferença entre as “honestas” e as “mulheres de vida airada” ficava mais premente. Mas, como estabelecer esses limites? Mais uma vez o medo diante da presença das mulheres falava alto em determinados setores da sociedade.

Nos espaços públicos de diversão, o regulamento propunha recato e silêncio às meretrizes pobres. Valorizava-se o ideal da mulher doméstica, contida, que não exprime suas emoções, que controla as pulsões corporais e o desejo. A prostituta era tão reificada pelos vestimentos estratégicos do poder no controle de sua aparência quanto nas relações sexuais com os fregueses. O papel a ser representado era o não-papel, a não-existência para não ser percebida pela multidão e não se destacar de outras mulheres, silenciosas como ela. Se o ideal do indivíduo sem rosto visava atingir toda a sociedade, no caso da prostituta ele era explicitado sem insinuações, já que ela era destituída de toda espiritualidade e percebida como pura encarnação sexual.

Vale lembrar que, nessa época, mulheres vestidas com trajes masculinos haviam sido encaminhadas à polícia ou ao hospício e que, com vestidos mais curtos do que habitualmente se usava, não conseguiam andar livremente nas ruas da cidade (RAGO, 1991, p.115).

Pode parecer limitada a afirmação de Clarice acerca de mulheres esclarecidas vinculadas diretamente à aparência, mas como Rago bem pontua, a valorização da sofisticação e por conseguinte da aparência seria importante para

Realização:



Apoio:



que os “tipos” de mulher pudessem ser classificados. Assim, a partir da escolha das roupas e do comportamento adotado, saberia-se que mulheres são (des)honestas. Ou seja, o comportamento e a aparência conduziriam ao julgamento, onde o padrão normativo higiênico as classificaria. Dessa forma, tornava-se possível punir/excluir quem transgredisse.

Para Costa, a questão dos limites é abordada para manter a ordem hierárquica dos sexos:

Do ponto de vista dos higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e idéias [sic] que reforçassem a imagem da mulher-mãe. A mulher intelectual dava mal exemplo às outras mulheres. Obrigava-as a ver e quem sabe a acreditar, que podiam substituir por iniciativa própria, sem concurso dos maridos. Emancipada intelectual e profissionalmente, a mulher comprometia o pacto machista firmado entre a higiene e o homem (COSTA, 2004, p. 260).

A mulher independente, intelectual, sugeria uma vida fora do que a sociedade esperava das mulheres. Uma vida que já era atribuída aos homens, e portanto, não cabia a mais ninguém ocupar. Essa escapada da realidade bagunçaria a ordem imposta aos sexos, comprometendo o bom funcionamento da sociedade.

(...) profissões urbanas ocupadas majoritariamente por mulheres e que colaboraram para sua emancipação, como a docência primária, a enfermagem, a telefonia ou o secretariado. (...) requeriam qualidades supostamente constitutivas do *sexo frágil*, como paciência, docilidade, sensibilidade e disposição intrínseca à submissão (CAMPOS, 2009, p. 83).

Assim, era importante que as mulheres limitassem sua ambição, de acordo com Clarice, “dentro do seu campo de ação”.

A *mulher inteligente* não é escrava dos caprichos dos costureiros, dos cabeleireiros ou dos fabricantes de cosméticos. Antes de adotar a última palavra da moda, ela estuda o efeito da mesma sobre o seu tipo. A mulher inteligente sabe que mais importante que parecer “chique” é parecer bonita. Não quero dizer que ela ande fora de moda, use roupa e penteados antiquados. Mas o que ela usa é o que lhe fica bem, ajuda na sua figura, realça a cor e o brilho de seus olhos e cabelos, a cor da sua pele, remoça-a e torna-a ainda mais *interessante para os olhos masculinos* (Publicado em 11 de dezembro de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 29. Grifos nossos).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Inteligente, quando adjetivo feminino, remete à aparência. Inteligência seria reconhecer seu biótipo e o que lhe cai bem. Resumindo, saber se arrumar, não com qualquer coisa que esteja à venda, mas com aquilo que lhe parece visivelmente correto. Ser escrava da moda a faria cometer erros estéticos, além de induzir o consumismo, ruim aos olhos do provedor. E por fim, a frase de maior desconforto, ser “interessante aos olhos masculinos”, ou seja, agradar os homens, para atingir o casamento, para ser mãe, para cumprir os desígnios femininos. Não era permitido às mulheres agradar a si mesma? Vestir-se para si mesma? Fazer feliz a si mesma? Decidir segundo sua própria vontade?

De modo geral, herdeiros das luzes, médicos e juristas reforçavam os argumentos de que as mulheres em geral possuíam um físico débil e um temperamento frágil, razões pelas quais deveriam estar mais sujeitas à vigilância do que os homens. Sua entrada na esfera pública só poderia ser muito conturbada.

Por isso mesmo, recomendavam a censura de leituras que excitassem a imaginação, de vistas obscenas, de conversas insinuantes e a interdição de companhias perigosas (RAGO, 1991, p. 144 e 145).

O discurso aqui construído genealogicamente aponta argumentos que justificam o comportamento descrito como correto por Clarice. As mulheres, frágeis e delicadas, não eram vistas como capazes de tomar decisões. Por isso, os homens, caridosos e conhecedores do mundo, faziam escolhas por elas. Esse era o argumento, inclusive, para tentar evitar a emancipação intelectual e econômica das mulheres.

Se você for inteligente, a idade será “mais” um motivo de atração e não uma desvantagem. A experiência adquirida, a serenidade, que apenas o tempo lhe dá, a distinção, a compreensão farão de você uma companhia atraente e agradável (Publicado em 26 de agosto de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 35).

Inteligência se define, com o passar do tempo e com o amadurecimento, como serenidade, experiência, distinção, compreensão e boa companhia. Que as mulheres amadurecidas pela idade entendam que seu valor é mensurável, mesmo não obtendo mais características anteriores, como a juventude corporal, a oportunidade de progenitura. Numa sociedade que vê com maus olhos o envelhecimento feminino, “perda de prestígio social, o afastamento do convívio

Realização:



Apoio:



social” (SCHPUN, 1997, p. 104), afirmar valor às não tão jovens é, até mesmo para a autora já com cerca de 40 anos, preocupação e vontade de ainda ser aceita e admirada.

- 1) procure variar e ampliar suas atividades. A limitação de interesses torna você própria limitada;
(...)
- 3) A teimosia sem fundamento é sinal de pouca inteligência;
(...)
(...)
- 6) estude, procure instruir-se interessando-se por toda espécie de leituras (Publicado em 2 de outubro de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 65).

Ampliar e variar seus assuntos e atividades para não ser limitada e repetitiva, para conseguir conversar com o sexo oposto sem aborrecê-lo. Entretanto, discutir, impôr seu ponto de vista e argumentar são julgados, quando ações vindas do feminino, como teimosia. Aqui vale lembrar a explicação de Costa posta logo acima sobre a emancipação feminina e o desequilíbrio social a partir da prática. Por estarem em ambientes diferentes, os casais desconheciam ou não se interessavam por assuntos alheios. Isso poderia gerar conflitos e desestimular a comunicação entre os cônjuges. Assim, caso as mulheres soubessem brevemente alguns assuntos semelhantes aos homens, seria viável um diálogo mais aproximado. Entretanto, importante mesmo, para saber conversar, era saber ouvir:

Uma das qualidades mais apreciadas pelos homens nas mulheres é a atenção. A mulher que sabe ouvir agrada e impressiona seu interlocutor, a ponto dele se sentir bem em sua companhia e não notar que o tempo passa (Publicado em 15 de julho de 1960. LISPECTOR, 2006, p. 31).

Saber ouvir é sinônimo de silenciar-se, de submeter-se ao argumento do outro, de concordar com o outro. Aquela que concorda agrada, aquela que não discute é boa companhia, discurso que vem a calhar com as explanações já feitas. Ao conversar, as consortes deveriam levar sempre em consideração seu tom de voz, mantendo-se discretas:

Em primeiro lugar, lembre-se de que deve evitar falar como se estivesse numa feira movimentada. Corrija-se, a cada minuto, se tiver esse defeito. Em segundo lugar, sua voz deve sair naturalmente, rica em entonações discretas, apenas, e não

Realização:



Apoio:



exageradas (Publicado em 22 de julho de 1960. LISPECTOR, 2006, p. 32).

Os interesses femininos são encarados como diferentes dos interesses masculinos. Preocupar-se com a boa criação dos filhos, que deveriam, pelas mãos das mães, tornar-se adultos satisfeitos e bem resolvidos, assim como agradar o cônjuge, eram assuntos mais adequados às mulheres, assim como o conhecimento sobre a boa aparência, a vida saudável, e seus pares. Um conhecimento raso, apenas para fugir da futilidade das compras, da alimentação, assuntos que de nada interessavam aos homens, eram a proposta para manter a opressão machista sobre o feminino, já que intelecto demais era perigo. Rago afirma:

Fundamentalmente, a teoria da diferença biológica dos sexos foi utilizada de maneira extremamente conservadora para justificar tanto a opressão machista sobre a mulher, quanto sua exclusão do campo da vida pública, num momento em que estava em jogo o debate sobre os direitos de cidadania na sociedade (RAGO, 1991, p. 162).

Eram recomendadas pelos médicos e juristas leituras que não aguçassem a imaginação, para evitar questionamentos como reconhecimento de direitos de cidadania. Propondo a inferioridade biológica, física e mental da mulher, argumentada pelo fato de as mesmas deixarem-se levar por suas paixões e por serem extremamente carentes, o que as colocaria em um estado de passividade, o homem parecia ter direito de propriedade sobre o corpo e a mente da esposa. Basicamente, o universo feminino, em suas linhas, parecia resumir-se em obrigações sobre a aparência, tanto doméstica quanto física, para agradar e manter o homem.

Julgar que porque casou com ele está dispensada de seduzi-lo é outro grave erro. O homem é volúvel. Sua busca da “mulher ideal” é apenas uma forma romântica com que encobre essa volubilidade, e podem envelhecer sem descobrir realmente o que querem da mulher. Só sabem que a querem. Sempre bonita e renovada, se possível.

A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam esse dever primordial para a conquista do homem (...). Façamos, portanto, por conquistá-los (Publicado em 23 de dezembro de 1959. LISPECTOR, 2006, p. 15).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Também as mulheres que adquirissem interesses que extrapolassem a maternidade e os afazeres domésticos deveriam sempre se lembrar de jamais estar em débito com essas prioridades, pois delas também dependiam a conquista do homem, que não deveria ser limitado em suas exigências. O entusiasmo com sua condição era para a autora, uma qualidade essencial na relação entre gêneros. Soa como uma estratégia feminina para sempre atrair o masculino, já que a mulher intelectual e trabalhadora se equipararia ao homem, pervertendo com seu mal exemplo a moral da mulher-mãe, o que dissolveria a família, pois acabaria com a inferioridade feminina e com o propósito do machismo.

Mesmo que Clarice aconselhe-as a adquirir um estilo que combine com suas respectivas personalidades, os limites a serem observados deveriam partir da mentalidade masculina. Essa devotada inquietação em agradar os homens confere ao papel feminino o aviltamento constante, mascarado por delicadeza, tolerância, beleza ou alegria impostoras.

As entrelinhas do discurso silenciam a reprovação acerca da escolha feminina por uma carreira, e não pelo casamento. Mulher solteira é ameaça à heterossexualidade compulsória, ou seja, ao equilíbrio de se formar pares heterossexuais. A solidão era proferida enquanto antagonista da felicidade, para convencer as mulheres de que seriam ou eram felizes no casamento. A mulher sozinha não teria com quem “dividir os duros encargos da vida” (MAIA, 2011, p. 203). Investir em estudos e em uma carreira não deveria ser pensamento feminino, pois assim estaria competindo com um espaço masculino na sociedade, e dessa forma, o equilíbrio também sairia prejudicado. “(...)assumir uma profissão significava para algumas mulheres correrem o risco de permanecerem solteiras (MAIA, 2011, p. 189). Mulheres que pensam sobre carreira e estudo perdem seu momento de juventude, que deve ser dedicado ao encontro do cônjuge. Marido ou profissão. Os dois, não.

Caso a escolha seja o marido, escolha essa esperada e desejada pela sociedade, é importante lembrar de manter a submissão. Existe, para tanto, a “arte de discordar”, que Clarice anuncia:

A arte de discordar consiste, especialmente, em não agredir... discordar sem “agredir com palavras” ou com tonalidade de voz é um

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



modo de, possivelmente, chegar a um acordo. Ou pelo menos é assim que se pode comunicar um pensamento, uma opinião, sem criar à toa um inimigo (Publicado em 7 de novembro de 1960. LISPECTOR, 2006, p. 31).

Se for argumentar, que seja de forma branda, sem inferiorizar a opinião masculina. Manter-se delicada, não questionar, não se impor, mas caso necessário, saber ceder até encontrar um equilíbrio do que é desejado por ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarice Lispector foi jornalista no Brasil em um período de censura, antes de seu casamento. Quando casada, tentou sair da sombra de seu marido mantendo-se como escritora no exterior, encontrando entraves para suas publicações. Seu retorno ao Brasil é como mãe e mulher divorciada, onde mais uma vez ocupa o ambiente público, trabalhando em jornais e publicando as colunas aqui estudadas. O Brasil vivia um momento de maior abertura para o trabalho feminino, mas ainda assim, Clarice ocupava um espaço raro para as mulheres.

A maior parte do discurso efetivado mantém o padrão feminino, de mulher mãe, esposa e bem-sucedida quando bonita. Mesmo em momentos em que a autora parece transgredir esse discurso normativo, criticar esse ambiente feminino no privado, trazendo mulheres que leem, trabalham, interessam-se por uma gama um pouco mais variada de assuntos e coisas, Clarice retorna ao arquétipo, valida o que a imprensa feminina do período massifica como papel social dos sexos.

Os textos publicados por Clarice demonstram este imaginário social da ordem, do progresso. Uma sociedade cujo modelo era a família, fértil e laboriosa.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, C. **Virando as páginas, Revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945 – 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. v. 1 e v. 2. 9. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CAMPOS, R. D. de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920 – 1940): Educação e história**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção histórica do corpo feminino. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar** – Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

LISPECTOR, C. **Correio feminino** / Clarice Lispector; NUNES, A. M.(org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MAIA, C. de J., **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MATOS, M. I. S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. **Clarice na cabeceira**: jornalismo / Clarice Lispector; NUNES, A. M. (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PINSKY, C. B. (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHPUN, M. R. **Beleza em jogo**: Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. SP: SENAC, 1999.

ABSTRACT

THE ENLIGHTENED WOMAN: ELUCIDATION THROUGH THE SPEECH BY CLARICE LISPECTOR IN HER FEMALE COLUMNS (1960).

Clarice Lispector, in the middle of the 20th century, acts as columnist in Brazilian newspapers. Divorced, she returns to Brazil in the late 1950s as a writer most present in the media. From the Women's Mail compilation, the gender relations described by Clarice are analyzed using the French Discourse Analysis of Michel Foucault to answer if, in these publications where the author advises the female audience, subjection or transgression occurs in the discourse adopted in relation to

Realização:

Apoio:





the Patriarchal stereotype and gender roles. In general, the discourse maintains the female pattern of woman mother and wife. At times when the author seems to transgress this normative discourse, returns to the archetype, validates what the women's press of the period masses. However, his attempt to give voice to the female is of great value. The author's provocations stimulate readers' critical sense of female advice and rules.

Keywords: Clarice Lispector; The enlightened woman; Female columns.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

